

# À TINTA, SAL E ÓLEO: REFLEXÕES SOBRE CULTURA MATERIAL

**Resumo:** Este trabalho busca refletir sobre as formas com que vemos, definimos, diferenciamos, relacionamos e analisamos os elementos documentais e materiais utilizados na produção do conhecimento arqueológico. As considerações realizadas neste trabalho são inquietações originadas no desenvolvimento do meu projeto de monografia – que vem sendo realizado junto ao Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH), sob orientação do Prof. Dr. Andrés Zarankin – e buscam discutir aspectos teórico-metodológicos por meio do diálogo com autores como Hodder (1982, 2000), Tilley (1990, 1991) e Galloway (2006). Essas questões serão desenvolvidas e ilustradas por fragmentos extraídos dos processos de leitura, paleografia e análise de diários pessoais e de bordo que são parte do acervo documental do LEACH e versam sobre o dia a dia em navios foqueiros, lobeiros e baleeiros do fim do século XVIII e início do século XIX. O objetivo final deste trabalho é propor reflexões sobre a produção arqueológica no que diz respeito ao estudo de culturas presentes ou passadas, próximas ou distantes por meio das relações entre textos e coisas.

**Abstract:** *This paper has the objective to think about the ways in which we see, define, differentiate, connect and analyze the material and textual elements employed on the production of archaeological knowledge. The considerations showed in this paper are concerns that rose on the development of my monograph project, which has been produced in conjunction with the Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humana (LEACH), under the supervision of Prof. Andrés Zarankin. It seeks a discussion on theoretical and methodological aspects of the archaeological process based on the following authors: Hodder (1982, 2000), Tilley (1990, 1991) and Galloway (2006). These questions will be developed and illustrated by fragments of the reading, translations and paleography of Journals and Logbooks of 18th and 19th century whaling ships about the quotidian of those groups. The ultimate objective of this present paper is to think about the archaeological process in what concerns the study of present or past cultures, near or distant by the analysis of texts and material culture.*

## INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto da reflexão construída e apresentada na V Semana de Antropologia e Arqueologia da UFMG e busca discutir as ideias que orientam a relação entre textos e coisas no fazer arqueológico. Para isso, irei debruçar-me em uma análise do terceiro capítulo – *Locating a grammar* – do livro *Material Culture and Text: The Art of Ambiguity* (TILLEY, 1991). Neste trecho, o autor argumenta em favor da textualidade das coisas e propõe lógicas de funcionamento para esse texto material. Porém, antes de me aprofundar na reflexão, apresentarei um pouco do contexto no qual as reflexões, aqui expostas, surgiram.

Nas disciplinas de laboratório da habilitação em Arqueologia – do curso de Antropologia – fui incumbido de ler, paleografar e traduzir diários pessoais e de bordo referentes a capitães e imediatos de navios baleeiros da segunda metade do século XVIII e início do século XIX. Nesse processo, alguns pontos se destacavam para mim: os desenhos, a organização do texto, os gestos e como abordava os documentos. A partir dessas questões, procurei observar nos trabalhos que lia a forma com a qual os textos interagiam com as coisas e através de quais princípios os autores utilizavam essas interações em seus trabalhos. Encontrei análises materialistas nas quais as coisas comprovavam ou negavam os textos (SCHLIEMANN, 1875), análises estruturalistas que utilizavam lógicas textuais para lidar com contextos materiais (LEROI-GOURHAN, 1964) e encontrei também análises relacionais cujo mote era o contraste entre textos e coisas (SCOTT & FOX, 1987; HALL, 1999). Nesses trabalhos há uma diferencia-

ção, *a priori*, entre os documentos e os objetos (ANDRÉN, 1998), mesmo quando a lógica do primeiro é utilizada para entender o segundo. Por fim, encontrei um caso particular no qual as coisas têm sua natureza alterada e se tornam textos (TILLEY, 1991).

A leitura dos trabalhos acima me movia a questionar algumas dicotomias que fundamentavam esses trabalhos e começavam a aparecer em minhas análises. Passei, então, a tentar produzir uma reflexão teórico-metodológica cuja construção ocorresse durante a prática de análise e produzisse uma arqueologia reflexiva e coerente que evitasse essencialismos e não dissociasse teoria e método. Dessa forma, tento produzir um discurso arqueológico capaz de entender e aceitar seu caráter narrativo – e parcial – além de pensar sua prática enquanto constituinte de uma narrativa científica produtora de passados.

## DA DIFERENCIAÇÃO À HIERARQUIA

Dos diversos exemplos citados acima, o último – aquele encontrado em Tilley (1991) – me intrigou bastante devido à sua importância para o desenvolvimento de uma arqueologia interpretativa a partir da década de 90. Neste, não encontramos a dicotomia simples das análises materialistas, nem a transformação da arqueologia em um análogo da linguística como as tentativas estruturalistas. Neste, encontramos um guia completo do processo de transformação da natureza das coisas em texto (cultura material) e dos meios para sua análise através de uma apropriação do estruturalismo e da hermenêutica.

### Matheus Miranda Mota

Graduando em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

### Contato

<motammatheus@gmail.com>

### Palavras-chave:

Cultura Material; Documento; Significado.

### Keywords:

Material culture; Text; Meaning.

Para entender esse processo é preciso observar como a Arqueologia tradicionalmente trata aquilo que chama de fonte. Em nossa disciplina, as fontes se dividem, primariamente, em duas: Texto e Cultura Material (ANDRÉN, 1998). A primeira é tratada enquanto mensagem evidente e apreensível – quando lemos, temos a sensação de entender aquilo que foi dito pelo autor da maneira que ele disse. Essa mensagem é fruto de um processo consciente de alinhamento de ideias cujo produto final é gravado por meio da escrita, seja ela manuscrita ou destinada à impressão. Dessa forma, o valor arqueológico do texto está primariamente na mensagem que ele parece carregar. A forma e o estilo do texto são deixados para os que estudam literatura, sua dimensão material para aqueles que buscam conservá-lo, e para os arqueólogos resta uma versão simplificada de uma abordagem historiográfica. A Cultura Material, por sua vez, é definida pela sua natureza física: trata-se das coisas em si mesmas. Dessa forma o significado existe, *a priori*, em tudo aquilo que faz parte do registro arqueológico. Esse significado é constantemente pensado por diversos autores, enquanto inscrito ou escrito nas coisas por um processo primariamente inconsciente. O valor arqueológico dos objetos está na informação escondida no pequeno portal para o passado que é um caco de porcelana. A cultura material dá ao arqueólogo o poder de decifrar, desvendar e reconstruir contextos por meio desse significado fixado materialmente. Nesse raciocínio dicotômico, o texto é lido e a cultura material medida, serializada, catalogada e, talvez, interpretada.

*"Material culture [Ge]. A term used to describe the objects produced by human beings, including buildings, structures, monuments, tools, weapons, utensils, furniture, art, and indeed any physical item created by a society. As such, material culture is the main source of information about the past from which archaeologists can make inferences. A distinction is often made between those aspects of CULTURE that appear as physical objects and those aspects that are non-material." Oxford Concise Dictionary of Archaeology (DARVILL, 2002)*

A partir desse pensamento, elementos semelhantes àquilo que construímos como registro arqueológico, são separados enquanto fenômenos completamente diferentes. Tomemos como exemplo os grafismos: quando se encontram em paredes de abrigos pré-históricos ou em estelas megalíticas são entendidos enquanto expressões materiais de redes simbólicas de pensamento, são representações religiosas ou qualquer coisa do tipo (LEROI-GOURHAN, 1964; TILLEY 1991). Porém, quando se encontram nas páginas de um diário ou nos livros de uma biblioteca são imediatamente classificados como texto – fora da Cultura Material – e desmaterializados nesse processo.

Essa profunda diferenciação – tida como evidente – gera uma hierarquização das ditas fontes. Esse escalonamento varia: ora os textos, dotados de discurso conscientemente produzido, são subjugados pela objetividade fria e impessoal das coisas físicas (SCHLIEMANN, 1875); ora as coisas são sobrepuladas pelas ricas e acessíveis descrições textuais (HUDSON, 1997; SCOTT & FOX, 1987). Nesse jogo, o pêndulo vai de coisa a texto diversas vezes de

acordo com a posição teórica do autor. Com o surgimento das arqueologias interpretativas nos anos 80 e 90 (HODDER, 1982; SHANKS & TILLEY, 1987; TILLEY, 1991) o balanço entre documentos e coisas toma uma nova forma. A hermenêutica necessita de um texto e os arqueólogos se dedicaram a textualizar o registro material para que pudessem extrair dele uma mensagem.

É nesse contexto de profunda hierarquização das fontes que Tilley (1991) se destaca propondo uma aproximação delas por meio de um estruturalismo que transforma os objetos em texto para que esses possam ser interpretados hermeneuticamente. Dessa forma, consolida-se em arqueologia uma interpretação das coisas baseada em uma primazia da lógica do texto sobre a fisicalidade das coisas.

*"For example, a design on a pot can be considered as formally equivalent to a word, and its components as phonemes. Different designs on the same pot serve to articulate a sentence. A set of pots in a house or a settlement can be conceived as a text situated in relation to other texts. Material culture patterning characteristically consists of sentences and texts with in texts." (TILLEY, 1991)*

## DA COISA AO TEXTO

Tilley (1991) utiliza o estruturalismo para textualizar o registro material. O autor começa por discutir os elementos básicos da linguagem através da oposição saussuriana de *langue* e *parole* – ou como ele traduz *language* e *speech* – em que a primeira é constituída de um conjunto abstrato de regras e normas que guiam a produção do sentido na relação de signos e significantes. Já a segunda, constitui o discurso em si mesmo, o arranjo das palavras em uma ordem identificável cujo sentido é obtido através do uso das regras da *langue*.

Em seu esforço de aplicar uma análise estrutural à cultura material, Tilley (1991) precisa ancorar um equivalente da *langue* nas coisas. Para isso ele argumenta, a partir da fluidez da linguagem e de seus significados, que tal volatilidade do sentido se dá, também, pela falta de fixação material das regras e relações entre signos ou termos.

*"[Writing] is a secondary, derivative and attempts to mimic speech through the production of graphic marks on a page" (TILLEY, 1991).* Essa definição de escrita apresenta, a meu ver, um problema central. A noção de uma escrita que tenta imitar o discurso se mostra extremamente limitada por partir do princípio de que não há significado na forma da escrita – a grafia é definida enquanto marcas no papel. Tais marcas só têm sentido quando, informados pela *langue*, as dividimos, espaçamos e recombinações. Por exemplo, o conjunto de letras a seguir "AMNPPAOAERPNC EAALSS" ganha significado quando uma pessoa, segundo as normas do Português, divide, ordena e combina as dezoito letras da seguinte forma: "APENAS – MARCAS – NO – PAPEL". Sem os fenômenos de separação e combinação, os leitores não acessariam nenhum sentido nas dezoito letras. Porém, quando aplicamos a mesma lógica em um poema concretista, perceberemos que diversas maneiras de enunciação do significado estão na forma do poema, na sua re-

lação com a página e com a mensagem apresentada de forma mais tradicional nas palavras do poema. Outro exemplo da limitação dessa definição é a ausência de conteúdo significativo no gesto da escrita, nas diferentes fontes e formatações do texto escrito. A aparência de um artigo o constitui enquanto tal tanto pelo seu léxico quanto pelo conteúdo; da mesma forma que uma carta manuscrita em caligrafia itálica tem significados diferentes do que um e-mail em *Times New Roman*. Parece-me óbvio que o tipo de papel, o formato, a fonte, a cor, a formatação e etc., são extremamente importantes na produção do sentido de um texto e não possuem cognatos na fala. A definição da escrita enquanto reprodução gráfica da fala é uma colocação explícita do valor do texto na mensagem em detrimento da forma e pode ser entendida enquanto derivada dos pensamentos dicotômicos abordados na sessão anterior.

Essa definição de escrita não é o suficiente para Tilley (1991) argumentar a textualidade das coisas, já que desenhos geométricos ou banhos de tinta em um pote não são imediatamente equivalentes a traços no papel e, ainda mais importante, diversos contextos arqueológicos não contam com nenhum traço escrito que lembre uma palavra e, menos ainda, nenhum ser capaz de falar ou traduzir o significado das coisas. Para o processo de textualização se completar é necessário deslocar no tempo a lógica da escrita moderna e a vontade de fixar nas coisas a volatilidade da fala. Vontade essa que não é, para o autor, obrigatoriamente consciente. Para tal traslado temporal, Tilley (1991) recorre ao enunciado de Derrida acerca dos fenômenos de espaçamento, diferenciação, articulação e rearticulação enquanto constituintes fundamentais da consciência humana.

*"However, as Derrida cogently states, practices involving spacing, differentiation, articulation and rearticulation of unities or entities form a primordial part of human consciousness. In this sense, writing in the special sense of an Archewriting precedes the spoken word. Speech, then, is derivative from an originary material "writing" dialectically related to human activity in the world."* (TILLEY, 1991)

A partir dessa inversão das origens da linguagem Tilley (1991) consegue formar uma justificativa para dizer que os processos de produção das coisas são equivalentes ao processo de produção de um texto. Ou seja, fazer um pote ou uma ponta de flecha é formalmente equivalente a escrever um conto ou um poema na medida em que empregamos práticas de espaçamento e diferenciação.

*"Material culture is 'written' through a practice of spacing and differentiation in just the same manner as phonetic writing."* (TILLEY, 1991). Nesse trecho Tilley (1991) parece não se atentar para o fato de que nem toda escrita é fonética. Maias, egípcios e chineses são alguns exemplos de povos com sistemas de escrita – convencional – que podem ser descritos enquanto logográficos.

Desse modo, se escrevemos materialmente ou foneticamente a partir das mesmas regras básicas é possível presumir certo grau de semelhança entre os significados grafados. Porém, Tilley argumenta o contrário. Segundo o autor, os mecanismos de comunicação são diferentes apesar da semelhança nos processos de produção e leitura dos diferentes tex-

tos. De alguma forma a cultura material seria uma língua distinta das línguas faladas e possuiria seus gêneros textuais próprios. Um aspecto interessante dessa diferença é o tipo de mensagem gravada nas coisas. Diferentemente do texto descrito anteriormente – em que o significado é conscientemente colocado – as coisas comunicam mensagens inconscientes que não podem ser definidas *a priori* (TILLEY, 1991).

O texto material é a fixação de um conteúdo inconsciente que é gravado por meio de fenômenos constituidores da consciência. De que maneira um fenômeno primordial para a consciência humana – as práticas de espaçamento, diferenciação e combinação características da escrita – funciona para que mensagens inconscientes sejam grafadas? Quais princípios sustentam a noção de que as mensagens inconscientes são visíveis arqueologicamente? A ideia de que podemos, por meio da Arqueologia, acessar traços do inconsciente das pessoas do passado, coloca na mão do arqueólogo treinado a possibilidade de falar de dimensões ocultas da visão de mundo das pessoas de outrora. Galloway (2006) ressalta que essas pessoas são construídas no fazer arqueológico de forma semelhante à teoria e ao método. A partir dessa perspectiva, não é possível ancorar as interpretações do arqueólogo em uma estrutura, pouco mutável, do contexto estudado. A análise produz um passado com pessoas, objetos e significados que dependem dos princípios analíticos empregados pelo pesquisador. Em suma, o emprego de um método estruturalista que busca significados inconscientemente gravados pode incorrer em certa "essencialização" dos significados na estrutura das coisas.

Depois de localizar essa "arquiescrita" enquanto a fixação material de significado inconsciente Tilley (1991) passa a aplicar um método de análise estruturalista semelhantes às análises gráficas de Leroi-Gourhan (1964) enquanto meio de remontar a gramática e editar o livro do passado. A edição proposta por Tilley consiste na elaboração de um sistema hipotético de possibilidades combinatórias baseado em regularidades que deve ser comparado a um sistema real.

*"We search for combinatorial rules through an analysis of empirical phenomena and search for a system underlying them which must be reconstructed beforehand through considering all permutational possibilities of the terms or signs. We can measure the degree to which the real system diverges from the hypothetical system in which all possible combinations are taken into account."* (TILLEY, 1991)

É importante notar que a análise de fenômenos empíricos busca encontrar um sistema subjacente e parece acreditar na possibilidade de acesso ao sistema real. A ideia de que é possível elaborar um sistema hipotético capaz de conter todas as possibilidades combinatórias me parece impossível. Uma das características principais do registro arqueológico é a incompletude: todas as relações possíveis no registro não são equivalentes a todas as relações possíveis num passado já que alguns dos elementos relacionáveis se perderam com o tempo ou não são identificados enquanto parte do registro arqueológico. A crença na capacidade de considerar todas

as possibilidades me parece esconder um pouco da agência do observador ou editor, no processo de elaboração do sistema hipotético. As possibilidades consideradas sempre vão ser escolhidas com base nos vestígios escavados e processados por alguém. O caminho que transforma o objeto em fonte é composto por uma rede de atores (GALLOWAY, 2006) que alteram e transformam o elenco de variáveis possíveis.

Com a gramática construída Tilley (1991) pode ler seu contexto e apreender o significado como o de um texto a fim de interpretá-lo hermenêuticamente. Com o texto editado, o significado pode ser apreendido de maneira direta através da cuidadosa leitura dos desenhos no pote ou dos entalhes na pedra. A relação coisa-texto deixa de ser metafórica e se torna uma rede sintagmática de relações de congruência metonímica (TILLEY, 1991). As coisas não são como texto, elas são texto. Nesse sentido, o valor delas, assim como do texto escrito, está no seu conteúdo simbólico e significativo: interessa o que está escrito. O suporte, o gesto, a grafia são apenas o meio para conhecer uma gramática; são o princípio e logo são deixados de lado. O pote sem decoração é um livro vazio. Esse processo não só transforma coisas em texto, ele também desmaterializa os objetos e impede que os textos sejam vistos enquanto coisas.

## A MATERIALIDADE DOS TEXTOS

Após discutir esse pequeno trecho da obra de Tilley (1991) posso caminhar em direção aos documentos que estão sendo analisados por mim. Porém, antes de prosseguir é importante destacar que o texto discutido aqui não representa a totalidade das ideias de Tilley e que as críticas também não são direcionadas ao pensamento do autor como um todo. O trecho escolhido representa bem, e marca a origem de alguns dos problemas que eu encontrei nos trabalhos que li. Vários dos problemas apontados por mim foram remediados em outros trabalhos do autor; porém a escolha do trecho busca, também, apontar para elementos que rompem com uma visão monolítica das obras de autores clássicos como Tilley. Nesse sentido, é preciso localizar no tempo a obra do autor para que se compreenda as críticas nesse mesmo recorte. Para mim, o terceiro capítulo do *Material Culture and Text* representa o ápice das apostas na textualização das coisas e é, completamente, fruto do momento de reestruturação da disciplina a partir das críticas pós-processuais.

A arqueologia hermenêutica, que necessitava de um texto, encontra-o em seus dois formatos – fonético ou material – nos contextos históricos. A presença de textos, vistos enquanto mensagem evidente, aliados a uma materialidade textualizada; reforça a posição secundária do suporte em relação à mensagem. Dessa forma, cria-se uma análise baseada na leitura de documentos – muitas vezes digitalizados, transcritos e traduzidos – a fim de enriquecer as interpretações do texto material. Essa abordagem tende a subordinar a cultura material à lógica de funcionamento do texto e a secundarizar os aspectos materiais das coisas analisadas arqueologicamente. Assim, o significado está no desenho no pote, no padrão do prato, nos adornos do corpo, no conteúdo do texto. Em suma, o sentido se locali-

za na superfície, na feição mais aparente.

Quando decidi analisar uma parte dos diários da coleção de documentos do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH) estava inclinado a utilizá-los de forma a complementar um registro material peculiar como aquele encontrado em contexto antártico. Tentar produzir uma arqueologia reflexiva, coerente e transparente me levou a buscar formas diferentes de enxergar a relação dos textos com as coisas. Dessa forma, encontrei a proposta de Patricia Galloway (2006) de traçar um caminho entre os textos e as coisas, de valorizar as relações e os processos históricos que levam à transformação de objetos do presente em vestígios arqueológicos do passado. Tratar as redes de relação entre pessoas, texto e cultura material envolve observar as diversas facetas de um objeto e de um texto em uma rede de relações complexas.

Desse modo, outros elementos do texto passaram a saltar aos meus olhos. Os desenhos de baleias e barcos no canto das páginas ou a intrincada grafia e a padronização das páginas se tornaram extremamente importantes na minha leitura. As variações na estrutura do texto e as escolhas envolvidas na interação dos grafismos com o suporte do livro passaram a aparecer enquanto elementos relevantes e potencialmente carregados de significado. O caminho que encontrei entre o texto e as coisas foi a materialização dos textos, constituindo-os enquanto cultura material. Nesse sentido, a definição de cultural material do *Oxford Concise Dictionary of Archaeology* (DARVILL, 2002) se aplicaria para a categoria de objetos ou coisas por dizer respeito apenas à dimensão material dos artefatos. O termo *texto*, por sua vez, diria respeito às palavras escritas e entendidas enquanto documentos históricos. O caminho entre os polos dicotômicos seria o da cultura material, uma categoria construída por arqueólogos para conter as relações entre materialidades e textos, entre suportes e mensagens capaz de levar a um discurso acerca das pessoas do passado.

A partir desse ponto, uma análise gráfica de textos digitalizados, como os diários, se torna extremamente poderosa e destaca diferentes camadas de informação em um artefato arqueológico comumente secundarizado. Tomemos como exemplo três páginas do diário de bordo do navio Abigail de New Bedford (Fig. 1, 2 e 3) em que desenhos de barcos e baleias são incorporados na estrutura da página. À primeira vista, os desenhos de baleia pareciam extremamente funcionais, quando o foco está na mensagem escrita, a relação dos animais com o texto é simples: o avistamento de baleias é marcado por um desenho da calda do mamífero e o abate, por uma baleia inteira. Porém, quando o foco está nos grafismos é possível construir novas relações e novos sentidos entre a posição do desenho na página e o elemento desenhado. Por exemplo, a baleia pequena, desenhada paralelamente ao lado mais longo da página, entre duas linhas separadoras e acompanhada de blocos de texto perpendiculares ao desenho funciona enquanto um marcador que possibilita encontrar rápido uma informação em um texto uniforme. Quando um desenho de baleia grande aparece no rodapé, paralelo ao lado menor da página, de uma frase paralela à figura, o significado pode ser transformado. Aquilo que era um marcador se torna uma ilustração, um complemento imagético que dá profundidade a uma frase simples.



Figura 1: três Página do diário de bordo do navio Abigail (LEACH).

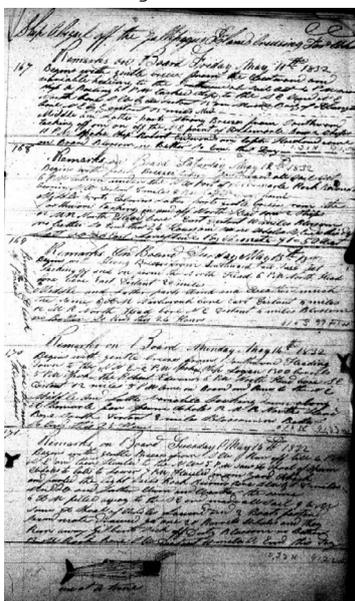


Figura 2: três Página do diário de bordo do navio Abigail (LEACH).

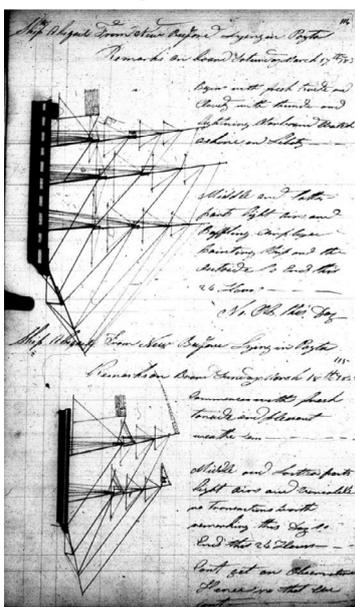


Figura 3: três Página do diário de bordo do navio Abigail (LEACH).

Outro exemplo das relações possíveis pode ser exemplificado com página do diário pessoal do capitão Joe Hardy do navio Confederacy (Fig. 4) em que há uma preocupação com a caligrafia, padronização e, de certa forma, com uma noção específica de estética. Porém, o espaço da página é bem delimitado na medida em que o texto escrito nas pautas é cuidadosamente produzido, com gestos precisos e separadores pequenos e mais buscados. Aquilo que é escrito fora das pautas possui mais linhas retas – em contraste com a escrita itálica cheia de curvas – e menor padronização. Em suma, uma estética completamente diferente. Nesse sentido, a informação secundária (notas) recebe um tratamento estético, também, secundário.

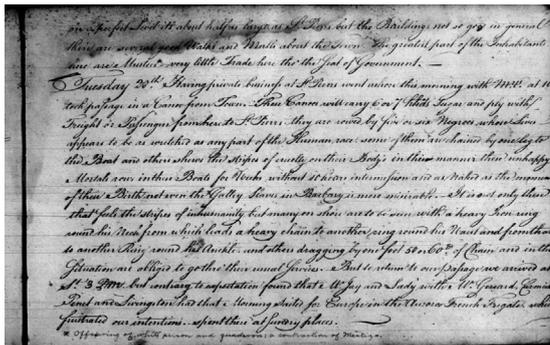


Figura 4: Página com nota de rodapé – Diário do Capitão Joe Hardy (LEACH).

Os gestos do diário de Joe Hardy são claramente treinados e podem ser entendidos como fruto de uma educação formal e até mesmo com algum vínculo às diferenças de classe quando comparado com os gestos do diário do navio Abigail, que não é escrito pelo capitão da embarcação. Os desenhos do primeiro exemplo se tornam um espaço de expressão de um autor anônimo, são o lugar da subjetividade em contraste com um texto repetitivo, com frases curtas, monótono e descritivo das atividades do navio. Essa relação se inverte no texto de Joe Hardy: o diário contém várias descrições de experiências pessoais, além das do navio, em frases mais longas e uma estrutura mais narrativa em contraste com gestos mecânicos, treinados e padronizados.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões apresentadas nas outras partes do texto, creio que sentidos são dados, particularmente, às relações percebidas por indivíduos distintos. Ou seja, eu, enquanto um estudante de arqueologia, brasileiro, homem, com minhas experiências – individuais e coletivas – vejo nas páginas dos diários que analiso. Relações potencialmente diferentes daquelas que seus autores – marinheiros, americanos ou britânicos, homens, dos séculos XVIII e XIX – viam e construíam ao produzir tais documentos. As diferenças temporais, sociais e experienciais – sem contar as redes de relações pelas quais os diários passaram antes de chegar a mim – fazem com que acessar significados inconscientemente estabilizados nas coisas não seja possível.

Essa impossibilidade destaca o caráter narrativo da produção arqueológica e contribui para a remoção de um discurso autoritário sobre um passado tão comum na disciplina. Entender que as interpretações dos arqueólogos não estão lastreadas por um conjunto de estruturas anteriores à análise, cria um discurso arqueológico que valoriza as subjetividades do observador e admite a influência delas no trabalho produzido.

A falta de transparência e reflexão em relação aos pressupostos que baseiam as narrativas arqueológicas cria tensões entre o discurso teórico-metodológico e a produção arqueológica. Fazer uma arqueologia reflexiva, baseada em uma teoria da prática, que pensa as consequências do discurso científico demanda – para mim – a explicitação de todas as etapas do processo de produção de um passado. Por estarmos, constantemente, discutindo em círculos de consenso fechados tomamos nossas categorias como dadas, evidentes; e as tratamos enquanto universais. Para construir uma disciplina que dissolva sua autoridade é preciso dissolver também as barreiras entre nós e os que nos ouvem integrando outros discursos acerca do passado em

nossos ciclos de discussão. Para isso, creio ser extremamente necessário termos clareza de nossas bases argumentativas no momento de entrarmos em debate com círculos de consenso diferentes dos nossos.

Questionar os princípios de análise das coisas e textos não é apenas uma reflexão metodológica. É também um esforço de pensar questões epistemológicas e fundir escolhas teóricas com a prática da disciplina. Produzir tais discussões durante o desenvolvimento do trabalho – e publicá-las – é um passo na direção de uma arqueologia reflexiva, como sugerida por Hodder (2000), capaz de pensar em si mesma e transformar seu papel no jogo social ao produzir, conscientemente, um passado político que é fruto de uma análise no presente, das coisas presentes, com o objetivo de agir nas relações do presente. Portanto, re-materializar os textos é uma escolha que, para mim, tem impactos profundos na forma que tratamos o arqueológico e o científico, o antigo e o atual. Essas mudanças são um passo na direção de uma arqueologia mais transparente, coerente e consciente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉN, Anders. (1998), *Between Artifacts and Texts: Historical Archaeology in Global Perspective*. Tradução de Alan Crozier. New York, Plenum Press.
- DARVILL, Timothy. (2002), *Oxford Concise Dictionary of Archaeology*. Oxford, Oxford University Press.
- GALLOWAY, Patricia. (2006), "Material Culture and Text: Exploring the Spaces Within and Between", in M. Hall & S. Silliman (orgs.), *Historical Archaeology*, Oxford, Blackwell.
- HALL, Martin. (1999), "Subaltern Voices? Finding the Spaces between Things and Words", in P. P.A. Funari; M. Hall; S. Jones (orgs.), *Historical Archaeology: Back from the Edge*. London, Routledge.
- HODDER, Ian. (1982), *Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge.
- HODDER, Ian. (2000), *Towards Reflexive Method in Archaeology: The Example at Çatalhöyük*. British Institute of Archaeology at Ankara. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.
- HUDSON, Charles. (1997), "Knights of Spain, Warriors of the Sun: Hernando De Soto and the South's Ancient Chiefdoms". *The American Historical Review*, 103, 5: 1681–1682.
- LEROI-GOURHAN, André. (1964), "Les religions de la Préhistoire". *Archives De Sociologie Des Religions*, 9, 18: 199–200.
- SCHLIEMANN, Heinrich. (1875), *Troy and Its Remains*. John Murray, London.
- SCOTT, Douglas & FOX, Richard. (1987), *Archaeological Insights into the Custer Battle: An Assessment of the 1984 Field Season*. Norman, University of Oklahoma Press.
- SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. (1987), *Re-constructing Archaeology: Theory and Practice (New Studies in Archaeology)*. 2ª edição, Londres, Routledge.
- TILLEY, Christopher. (1990), *Reading Material Culture: structuralism, hermeneutics, and post-structuralism*. 3ª edição, Cambridge, Basil Blackwell.
- TILLEY, Christopher. (1991), *Material Culture and text: The art of ambiguity*. London, Routledge.

Recebido em 3 de novembro de 2016

Aprovado em 19 de julho de 2017